



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Inês Filipa Frade Ramos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO**  
UMA EXPERIÊNCIA COM AS CRIANÇAS DA CRECHE  
E JARDIM DE INFÂNCIA NA CONFRARIA DA NOSSA  
SENHORA DA NAZARÉ

Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação  
orientada pelo Professor Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira e  
apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Setembro de 2022



## **Agradecimentos**

O presente Relatório reflete o término de um ciclo de formação pessoal e profissional, que não teria sido possível concretizar sem o apoio incansável de algumas pessoas, deixo-lhes aqui o meu mais sincero agradecimento.

Aos meus pais, por todos os sacrifícios que fizeram para que estes cinco anos incríveis fossem possíveis.

Ao meu irmão, João, por me ter incentivado a seguir estudos e a dar o meu melhor em todas as fases da vida.

Ao meu namorado, João, por me ter apoiado quando mais precisava e me ter dado sempre força para continuar.

À minha “Mafi”, por me acompanhar durante estes cinco anos em Coimbra, longe de casa.

Aos meus amigos de infância, que é um orgulho ter comigo e que sempre me apoiaram em todas as decisões, mesmo estando sempre na brincadeira.

À educadora Micá, que tanto me ajudou quando cheguei desamparada a esta fase da minha vida e com quem desabafei durante todo o ano. E por toda a paciência que teve na partilha de conhecimentos.

À educadora Joana, que me ensinou como lidar com as nossas colegas e as nossas queridas crianças da melhor maneira.

Aos meus amores, as crianças da instituição, que com todos os olhinhos carinhosos me fizeram nunca desistir deste sonho.

Por último e não menos importante, ao Professor Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira, pelo seu profissionalismo durante a sua orientação do presente Relatório e pela sua disponibilidade e indicações ao longo do ano letivo.

## **Uma experiência com as crianças da Creche e Jardim de Infância na Confraria da Nossa Senhora da Nazaré**

### **Resumo**

O presente Relatório foi elaborado como parte integrante do Mestrado em Ciências da Educação, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, e no qual se apresenta um trabalho de experiência e pesquisa na Creche e Jardim de Infância da Confraria da Nossa Senhora da Nazaré em contexto de estágio.

Este Relatório encontra-se dividido em três partes distintas. Na primeira parte, faz-se uma caracterização da Confraria da Nossa Senhora da Nazaré e das suas valências, caracterizando pormenorizadamente a Creche e Jardim de Infância.

A segunda parte visa fundamentar teoricamente esta experiência, estando subdividida em cinco pontos: a aprendizagem na infância, a influência do jogo na aprendizagem, o método de Montessori, o *guided play* associado à aprendizagem das crianças e o AutoSTEM.

A terceira e última parte conduz-nos às atividades realizadas na instituição e ao trabalho de estágio realizado, identificando as salas da instituição, os métodos de aprendizagem que são pressupostos em cada uma delas, bem como as atividades que se realizaram ao longo do ano letivo. É retratada uma atividade inovadora na instituição, que passa pela aplicação do projeto AutoSTEM através da criação de um autómato específico, o *Jelly Bird*, por parte das crianças.

Ao longo do Relatório são apresentadas figuras que representam as atividades ao longo do estágio, e por fim, o plano de ação de três das atividades realizadas e uma breve conclusão.

**Palavras-chave:** Crianças, Brincar, Jogo guiado, AutoSTEM, Atividades.

## **An experience with children from nursery and kindergarten at Confraria da Nossa Senhora da Nazaré**

### **Abstract**

The following report was elaborated as an integrated part from the Master Degree of Science and Education, at the University of Psychology and Sciences of Education at the University of Coimbra, in which is reflected a research and work experience at the nursery and kindergarten of Confraria da Nossa Senhora da Nazaré on an internship manner. The following report is divided in three different parts. The first part is a characterization from the Confraria da Nossa Senhora da Nazaré showing and describing in detail all its valences.

The second part substantiates this experiment being divided itself in five topics: learning in the childhood; the influence of playing in learning capabilities; Montessori method; Guided Play affiliated to children learning capabilities and AutoSTEM.

The third and last part of this report, leads to the developed activities at the institution and the internship itself, identifying and describing every room in the facilities, the learning methods being applied in each and one of the rooms as well as the activities that were developed during the year.

It is described an innovative activity applied at the institution, in which the AutoSTEM project is applied by the children through the creation of a Jelly Bird specific automaton. Over this report there are pictures that show all the activities throughout the year the action plan from the three developed and a brief conclusion.

**Key-words:** Children; To play; Guided Play; AutoSTEM; Activities

## Índice

<b>Introdução</b> .....	7
<b>Capítulo 1 - Caracterização da Instituição</b> .....	8
<b>1.1 A Confraria da Nossa Senhora da Nazaré: missão, visão e valores</b> .....	8
<b>1.2 Valências da Confraria da Nossa Senhora da Nazaré</b> .....	9
<b>1.3 Creche e Jardim de Infância da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré</b> .....	13
<b>1.4 Organização da Equipa</b> .....	14
<b>Capítulo 2 – Enquadramento Teórico</b> .....	15
<b>2.1 A aprendizagem na infância</b> .....	15
<b>2.2 A influência do jogo na aprendizagem</b> .....	16
<b>2.3 O método de Montessori</b> .....	19
<b>2.4 O <i>Guided play</i> associado à aprendizagem das crianças</b> .....	21
<b>2.5 AutoSTEM</b> .....	23
<b>Capítulo 3 – Trabalho de estágio e atividades desenvolvidas</b> .....	26
<b>3.1 Atividades em Creche</b> .....	26
<b>3.2 Atividades em Pré-escolar</b> .....	33
<b>3.3 Atividade <i>Jelly Bird</i></b> .....	36
<b>Conclusão</b> .....	39
<b>Referências bibliográficas</b> .....	40
<b>Apêndices</b> .....	42

## **Introdução**

O presente Relatório visa descrever e refletir sobre o meu percurso formativo desenvolvido ao longo do Mestrado em Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, enfatizando o trabalho realizado em contexto de estágio.

Cada vez mais se tem vindo a investigar e constatar que o brincar influencia positivamente a aprendizagem das crianças, principalmente na primeira infância, pois é nesta etapa da vida que as crianças mais aprendem e de forma mais simples e eficaz, através de pequenos detalhes, onde as atividades lúdicas têm um lugar de destaque. É segundo esta constatação que este Relatório ganhou forma, mesmo tendo existido mais apoio no jogo guiado (*guided play*) do que no jogo livre, supramencionado.

Desta forma, procedemos ao enquadramento teórico da experiência vivida em contexto de estágio, da aprendizagem na infância, da influência do jogo na aprendizagem, do método de Montessori, do *guided play* associado à aprendizagem das crianças e, por fim, do AutoSTEM e dos seus benefícios para as crianças.

Foram identificadas as atividades referentes a cada sala da instituição, bem como as suas implicações nas crianças e, ainda, da aplicação do autómato *Jelly Bird* a um grupo de 15 crianças dos 4/5 anos de idade.

Por fim, são apresentadas as conclusões desta experiência, assim como de outros aspetos pertinentes.

## **Capítulo 1 - Caracterização da Instituição**

### **1.1 A Confraria da Nossa Senhora da Nazaré: missão, visão e valores**

A Confraria da Nossa Senhora da Nazaré é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), foi criada em 1926 e trata-se de uma instituição religiosa. Os seus estatutos foram aprovados em 1933, ano em que passou a ser denominada a Confraria ou Real Casa de Nossa Senhora da Nazaré.

Esta instituição, situada na Vila de Nazaré, tem produzido nos últimos anos diversas iniciativas de modo a aumentar a devoção a Nossa Senhora, e para além das vertentes sociais e culturais que tem tido em conta, a Confraria tem dedicado muito do seu tempo e recursos na restauração e melhoria das infraestruturas, para que se possa recuperar o Santuário e, consecutivamente, o culto a Nossa Senhora da Nazaré. Este culto apoia-se na lenda do milagre de Nossa Senhora da Nazaré e no milagre de Dom Fuas Roupinho. No seu património inclui a Capelinha da Memória, o Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, a Praça de Touros, o Teatro Chaby Pinheiro, o Museu Reitor Luís Nesí, o Coreto, o Hospital, o Palácio Real, a Igreja da Misericórdia e o Arquivo Histórico.

Para além deste culto, a Confraria de Nossa Senhora da Nazaré desenvolve a sua atividade benemérita através de algumas valências, sendo elas: o Centro Hospitalar, o Jardim de Infância e A.T.L. (atualmente fora de serviço), o Lar de Terceira Idade e Centro de Dia, o Centro de Acolhimento de Jovens Menores e em Risco, o Centro Comunitário, bem como um Serviço de Apoio Domiciliário. Já no campo da cultura, promove atividades no Teatro Chaby Pinheiro, assim como no Museu Reitor Luís Nesí, criando um programa de exposições temporárias e outras iniciativas.

A instituição possui um Arquivo Histórico, inaugurado a 8 de Setembro de 1999 com uma cerimónia de abertura ao público, e este encontra-se no Santuário da Nossa Senhora da Nazaré.

A Confraria da Nossa Senhora da Nazaré tem como missão garantir uma melhor qualidade de vida aos habitantes da vila de Nazaré, garantindo o bem-estar de todos e implementado práticas inovadoras que dão resposta às necessidades da comunidade. A referida instituição visa dinamizar a vila através do desenvolvimento de vários projetos feitos para a comunidade, promovendo a integração e o convívio intergeracional e assegurando a cultura.



Prezando-se pelos valores do humanismo (no respeito pela dignidade individual de todos os membros da comunidade, associado a comportamentos de partilha e entreatajuda); da ética (associado aos padrões e valores morais dos profissionais da instituição); da competência (pelo reconhecimento daqueles que promovem a valorização da cooperação, promovendo uma melhoria contínua do serviço prestado à comunidade); da inclusão (auxílio a outras nacionalidades e acolhimento destas); da solidariedade; da responsabilidade social; da individualidade e da cooperação (na promoção de uma atitude de colaboração e partilha, consideradas como condição necessária para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada um).

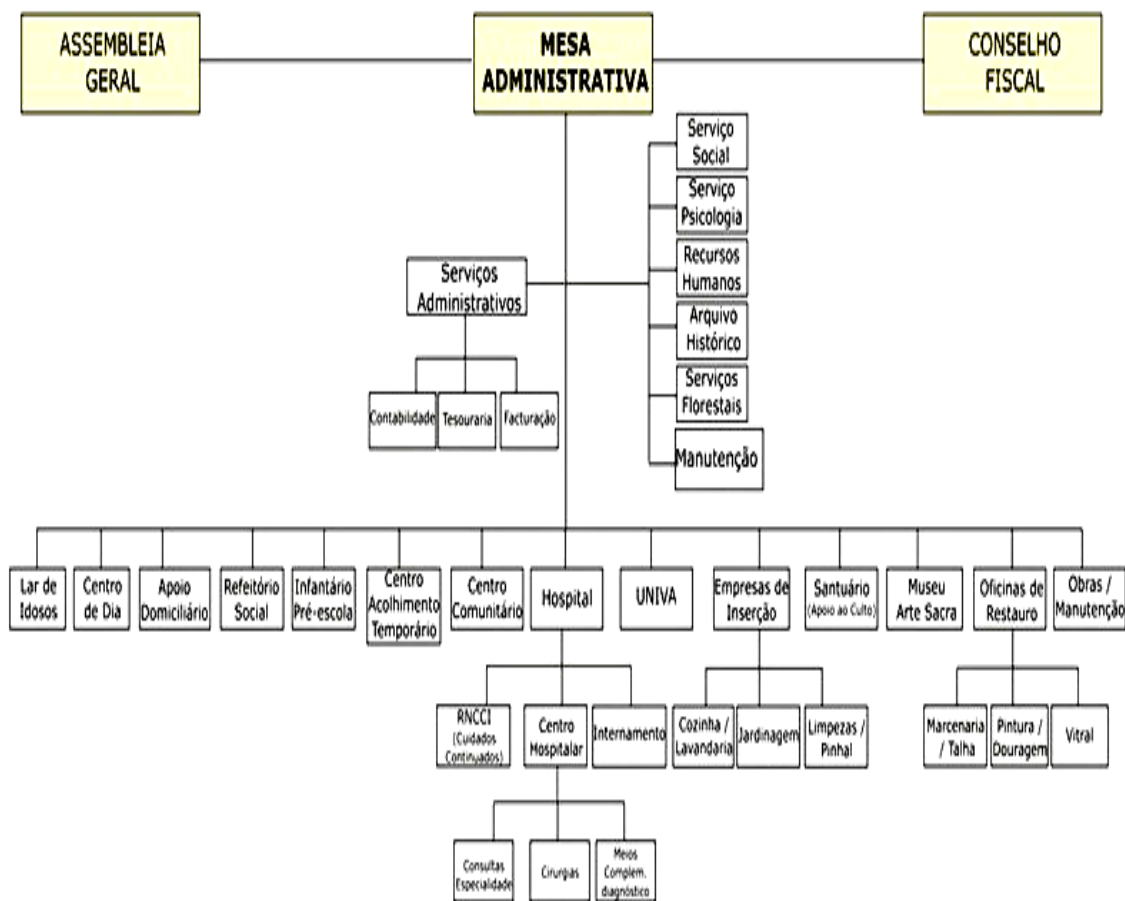


Figura 1. Organograma da instituição

## 1.2 Valências da Confraria da Nossa Senhora da Nazaré

A Instituição, como foi supramencionado, é dotada de variadas valências, que passamos a descrever.

O Serviço de Apoio Domiciliário traduz-se na prestação de cuidados individualizados e personalizados ao domicílio, a indivíduos ou famílias residentes no concelho de Nazaré. É utilizado em caso de doença, deficiência ou outros impedimentos, ou seja, quando não é possível assegurar, temporária ou permanentemente, as necessidades básicas e/ou atividades da vida diária. Este funciona sete dias por semana, incluindo feriados, das 08:00 horas às 13:00 horas e das 14:30 horas às 17:00 horas.

Este serviço, tem como objetivos fundamentais: colaborar para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e famílias; tardar ou evitar a institucionalização de idosos; limitar e/ou amenizar situações de incapacidade física e/ou mental e de isolamento; prevenir situações de dependência e promover a autonomia e contribuir e/ou garantir o acesso à prestação de cuidados de saúde. Os serviços prestados são: a alimentação (consiste em três refeições diárias); a higiene pessoal (efetuada diariamente de acordo com as necessidades de cada utente); a higiene habitacional (serviço de limpeza de manutenção ao quarto, sala, etc); o tratamento de roupa (recolha de roupa suja, tratamento e distribuição de roupa lavada) e a cedência temporária de equipamentos de saúde (como camas articuladas, andarilhos, canadianas e cadeiras de rodas).

A confraria integra também o Lar e Centro de Dia. O Lar de Terceira Idade da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré foi inaugurado a 1 de maio de 1980 e é uma valência de apoio aos mais idosos que integra também um Centro de Dia. O Lar, no seu conjunto, tem capacidade para 75 idosos, 60 em regime de internamento e 15 em Centro de Dia. Ao longo do tempo, o Lar tem sofrido diversas alterações na sua estrutura. Atualmente, possui um quadro de pessoal alargado, complementado pelo serviço técnico de: duas Enfermeiras, um Médico, uma Assistente Social, uma Terapeuta Ocupacional e uma Psicóloga.

O Centro de Dia estimula a satisfação das necessidades de subsistência e de existência dos utentes de maneira a ajudar no desenvolvimento das suas capacidades, ao retardamento do processo de envelhecimento a que os utentes estão sujeitos, através do convívio entre os indivíduos e do bem-estar destes. Os utentes desfrutam ou podem desfrutar de refeições diárias (pequeno-almoço, almoço, lanche e jantar), bem como da sua inclusão em atividades de animação sócio-cultural. O respetivo Lar presta um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio sócio-familiar.

O Centro Hospitalar, outra das valências da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, é o Hospital que funcionou inicialmente em instalações anexas à Igreja da Misericórdia, na Pederneira, sendo em 1878 inaugurado onde hoje se encontra. O Hospital foi, ao longo dos anos, expandindo e tornando-se, cada vez mais importante para a vila de Nazaré, apoiando a comunidade. Atualmente, dispõe de um protocolo que tem como finalidade promover a integração dos utentes de SNS, e possui uma Rede de Cuidados Continuados Integrados. A assistência aos utentes desta Unidade Hospitalar é exercida pelo corpo clínico, enfermagem, pessoal auxiliar, fisioterapia, terapia ocupacional, terapia da fala, apoio psicossocial (psicóloga e assistente social) e animação sócio-cultural.

O Centro Comunitário da Nazaré dotado de novas infra-estruturas, procura reagir com mais eficácia às solicitações da população do concelho da Nazaré, e tem ao dispor serviços e atividades que promovem a integração, o desenvolvimento, o bem-estar e o convívio intergeracional. E tem como objetivo que todas as pessoas possam aproveitar este espaço multidisciplinar e alternativo.

Enquanto isso, o Centro de Acolhimento Temporário para Crianças e Jovens em Perigo da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré foi inaugurado apenas em 2003, e consiste numa resposta social que tem como intuito o acolhimento urgente e transitório por um período não superior a 6 meses de crianças e jovens em situação de risco, com base em medidas provisórias de promoção e proteção, assegurando condições para a definição do seu projeto de vida. Estas medidas podem ser executadas pelos Tribunais ou pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, caso se mostre necessário.

O Centro de Acolhimento tem capacidade para acolher 15 crianças/jovens de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 0 e 18 anos de idade, que vivem em situação de perigo decorrentes de maus-tratos, abandono, negligência ou outros fatores legalmente previstos.

Existe, de certa forma, uma valência na Confraria de Nossa Senhora da Nazaré destinada à nutrição, que corresponde à área que possui a responsabilidade na manutenção das refeições produzidas diariamente para as diversas valências na Instituição, nomeadamente o Jardim de Infância, o Hospital, o Lar e também para o Apoio Domiciliário, etc. Este serviço assegura a produção de refeições adaptadas a cada utente.

O Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, também referido como Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, fica situado no centro do Sítio da Nazaré. No seu interior, guarda-se

a Sagrada imagem de Nossa Senhora da Nazaré, uma Virgem Negra, esculpida em madeira, trazida de Mérida para Portugal, no ano de 711. Encontra-se aberto ao público todos os dias das 09:00 às 18:00.

A última valência é a Creche e Jardim de Infância da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré. Esta foi criada em 1963 nas instalações do Palácio Real. Desde 1995, por contrato com a Segurança Social, a Creche passou a funcionar no ex. jardim infantil “Balancé”, mantendo-se lá até 2003, altura em que foi construído um novo edifício para acolher estes dois serviços, juntamente com o A.T.L. (Atividade de Tempos Livres), apesar de este, atualmente, já não estar a funcionar. O novo jardim de infância encontra-se em funcionamento desde Setembro de 2003 oferecendo um maior conforto às crianças, utentes e funcionários deste espaço. E para além desta questão, este novo espaço surgiu de modo a equipar o Infantário de espaços e condições para a realização de atividades complementares, bem como de um alargamento de horários de funcionamento, a disponibilidade de transporte a quem não tem possibilidade de se dirigir ao estabelecimento e de uma alimentação mais equilibrada.

Um dos objetivos das diversas valências, supramencionadas, da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré é o contributo para o desenvolvimento global e harmonioso da criança (afetividade, autonomia, desenvolvimento cognitivo, social, psicomotor e da linguagem). No entanto, o objetivo principal no jardim de Infância (Pré-Escola) é incrementar na criança as competências básicas que lhe possibilitem a melhor integração na nova etapa da sua vida, que cada vez fica mais próxima a cada ano, ou seja, o 1º ciclo, e para que esta tenha sucesso a todos os níveis da sua vida. Podemos constatar que o jardim de infância se trata de um estabelecimento de educação pré-escolar que respeita e segue o programa educativo estipulado pelo Ministério da Educação.

Para além disto, as educadoras e auxiliares presentes na instituição tentam alargar os horizontes das crianças, disponibilizando atividades extra-curriculares que visam desenvolver o gosto pela música, o contacto com uma nova língua e cultura (inglês) e o bem-estar físico e desenvolvimento psicomotor através da ginástica e natação. Neste momento encontram-se apenas a decorrer aulas de música e de natação, destinadas à educação pré-escolar.

### **1.3 Creche e Jardim de Infância da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré**

O edifício, construído de raiz e para cumprir os seus objetivos, encontra-se muito bem equipado e dividido em 4 pisos encontrando-se atualmente organizado da seguinte forma:

Piso -1 são arrumos e instalações dedicadas ao apoio e acolhimento de refugiados (maiores de idade), onde já funcionou o ATL da Confraria;

Piso 0 apresenta o hall de entrada do edifício, bem como os gabinetes (Diretora Técnica/Equipa de Docentes/Administrativa), uma sala para o pessoal docente, a sala Despertar da Fé (sendo a instituição uma instituição religiosa), um refeitório, uma casa de banho para crianças e outra para adultos e uma dispensa para material de limpeza.

Piso 1 representa a resposta social da componente de Creche, com sete salas de atividades.

Berçário 1 (sala 1) – Recebe até 10 crianças entre os 4 e os 12 meses. Esta sala é composta por quatro espaços distintos, a sala de atividades, a zona de higiene, o dormitório e uma pequena zona de preparação de lanches;

Berçário 2 (sala 2) – Recebe até 10 crianças entre os 4 e os 12 meses. Esta sala é, igualmente, composta pela sala de atividades, a zona de higiene, o dormitório e uma pequena zona de preparação de lanches;

Transição um ano (sala 3) – Recebe até 14 crianças entre os 12 e os 24 meses;

Transição um ano (sala 4) – Recebe até 14 crianças entre os 12 e os 24 meses;

Sala heterogénea (sala 10) – Recebe até 16 crianças entre os 12 e os 36 meses (abertura consoante quantidade de crianças inscritas, normalmente só em meados de abril);

Sala de dois anos (sala 5) – Recebe até 18 crianças entre os 24 e os 36 meses;

Sala de dois anos (sala 6) – Recebe até 18 crianças entre os 24 e os 36 meses.

Cada sala dispõe de uma educadora de infância e de uma auxiliar de ação educativa.

O piso apresenta também uma casa de banho para crianças e outra para adultos, um pequeno refeitório e uma sala de arrumos.

Piso 2 representa a resposta social da componente de pré-escolar, com três salas de atividades:

Pré-escolar (sala 7) – Recebe até 25 crianças entre os 3/4 anos de idade (podendo acolher crianças mais velhas (até 6 anos) se as outras salas se encontrarem sem vagas);

Pré-escolar (sala 8) – Recebe até 25 crianças entre os 4/5 anos de idade (podendo acolher crianças mais velhas ou mais novas se as outras salas se encontrarem sem vagas);

Pré-escolar (sala 9) – Recebe até 25 crianças entre os 5/6 anos de idade (podendo acolher crianças mais novas (desde os 3 anos) se as outras salas se encontrarem sem vagas).

Cada sala dispõe, igualmente, de uma educadora de infância e de uma auxiliar de ação educativa.

O piso é constituído ainda por uma ludoteca (utilizada para a dinamização de atividades de leitura e abordagem à escrita, consulta de livros, jogos, etc); uma sala de expressão motora (utilizada como área polivalente destinada à realização de diversas atividades motoras); um dormitório para as crianças de pré-escolar que dormem a sesta; uma sala polivalente de acolhimento e entrega de crianças da creche e outra de acolhimento e entrega de crianças do pré-escolar (equipadas com área do faz de conta, equipamento de motricidade, televisão, DVDs, que é utilizada como área de recreio interior nos restantes períodos) e casa de banho para as crianças.

#### **1.4 Organização da Equipa**

Devido à quantidade de crianças que a instituição abarca, existem vinte docentes destinados, especificamente, à educação das crianças, dez educadoras de infância e dez auxiliares de ação educativa, uma educadora e uma auxiliar por sala. Existem também três docentes destinadas à distribuição de refeições e às limpezas, uma docente de secretaria e um motorista, destinado à deslocação feita para atividades fora da instituição, como a natação e à recolha e entrega de crianças (quando os encarregados não têm possibilidades de recolher as crianças na instituição). No edifício encontra-se uma Diretora Técnica, responsável pelo jardim de infância e pelo centro de acolhimento, uma equipa de docentes destinada ao acolhimento de refugiados e representantes técnicos.

## **Capítulo 2 – Enquadramento Teórico**

### **2.1 A aprendizagem na infância**

As crianças, como todos sabemos são pequenos seres humanos que há pouco começaram a sua vida e que em breve serão adolescentes e, um dia, se tornarão adultos. Ora, apesar de até em adultos, estarmos sempre em desenvolvimento, a fase em que mais aprendemos é, sem dúvida, a infância.

Estas apresentam um modo diferente de ver o mundo, uma forma própria de definir. E é a partir das interações com as pessoas que as rodeiam (familiares, amigos de família, pessoas próximas) que as crianças tentam compreender o que se passa realmente no mundo em que vivem e é através das brincadeiras que demonstram os seus interesses e os seus desconfortos em relação às situações a que são submetidas, ou seja, o desenvolvimento da sua consciência corporal (capacidade de interagir com outras pessoas, seres e objetos) (Mantovani, 2020). Assim, estas interações com outras pessoas e com o meio que as rodeia, acabam por ser aquilo a que denominamos de processo de construção do conhecimento das crianças.

Estas experiências vividas na infância serão extremamente importantes para toda a vida e vão ser refletidas no quotidiano da criança. Devido à melhor aquisição de conhecimentos por parte das crianças, é imprescindível que a criança seja estimulada e que se explore ao máximo essa capacidade de absorção, pois “embora o cérebro nunca pare de evoluir, as principais transformações ocorrem, essencialmente, nos três primeiros anos de vida” (Mantovani, 2020).

A infância corresponde ao período mais adequado para estimular e promover as relações pessoais e para que as crianças desenvolvam a sua própria aprendizagem, é imprescindível que sintam que o ambiente em que estão inseridas lhes é apropriado. Os pais devem permitir que as crianças toquem em diferentes superfícies, observem diferentes objetos, permitindo que estas alargarem os seus horizontes e se familiarizem com o mundo e o ambiente que as rodeia. Por essa razão, as crianças aprendem mais facilmente quando são solicitadas a aprender ou a encontrar solução para um problema baseando-se no que lhes é familiar ou que faz sentido para estas (Cole, 2010).

## **2.2 A influência do jogo na aprendizagem**

O jogo e o brincar tendem a ser o recurso educativo mais indicado para a aprendizagem das crianças, pois permite “desenvolver estratégias de cooperação e comunicação, com os seus pares e com os adultos, onde manifestam os seus desejos, emoções, necessidades e conquistas, os seus problemas e conseqüente resolução de conflitos” (Pereira et al, 2020). De certa forma, o brincar proporciona muitos benefícios para a criança, desenvolvendo o seu conhecimento para o futuro (Rolim et al, 2008). E, se a vida para as crianças é feita de brincadeiras, na creche não faz sentido separar os momentos de brincar dos de aprender, pois será através desta simultaneidade que a criança construirá o seu conhecimento e que ganhará autonomia. A partir dos 3 anos, na educação pré-escolar, essa distinção acaba por ser feita, pois é a idade ideal para que as crianças percebam que existem momentos específicos para cada tarefa (Nadal, 2008).

A brincadeira e o brincar são tão importantes na aprendizagem da criança que existe um direito destinado exclusivamente ao brincar na Declaração Universal dos Direitos da Criança, e este é tão fundamental como o direito à saúde ou à educação (Torrado, 2018). Esta atividade é como que um motor de desenvolvimento para a criança em variados aspetos (sensorial, criativo, físico, cognitivo e, como não podia deixar de ser, emocional) (Valério, 2016). Apesar de o brincar ser muito importante, há quem erre muito ao pensar que é uma perda de tempo na aprendizagem da criança, por apenas dar valor ao desempenho de tarefas com sucesso e eficácia, e considerar a atividade do brincar inútil (Torrado, 2018). Segundo Rolim et al (2008) “o brincar prepara para futuras atividades de trabalho: evoca atenção e concentração, estimula a auto-estima e ajuda a desenvolver relações de confiança consigo e com os outros” (p.177).

A atividade do brincar é universal, sendo usada em todas as circunstâncias da vida e em todas as culturas. E “para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia” (Kishimoto cit. Sobral, 2019, p.2). Esta acaba por surgir da imitação por parte das crianças dos movimentos dos seus próprios pais e, posteriormente, do mundo que os rodeia, passando da imitação dos pais nas atividades do dia-a-dia, à imitação dos adultos nas suas profissões (Torrado, 2018). É através da brincadeira que a criança explora, retrata e pensa sobre a realidade a que está sujeita e sobre a cultura em que está inserida. A criança procura assim conhecer o mundo e conhecer-se a si mesma (Valério, 2016).



“A brincadeira é uma das linguagens que se destacam na infância e é através dela que a criança significa e ressignifica o mundo, constituindo as suas práticas culturais” (Sobral & Ribeiro, 2019, p.2). Assim, é importante destacar que a brincadeira e o jogo não se traduzem apenas em formas de divertimento e de prazer para a criança, mas também se traduzem em meios desta expressar os seus sentimentos e de aprender (Valério, 2016). Ou seja, em consequência dos sentimentos durante a infância serem muito mais intensos e estas serem ainda muito frágeis, as crianças apresentam algumas dificuldades de se exprimirem verbalmente (mesmo depois de já saberem falar), sendo muito difícil perceber o que estas sentem em relação a uma determinada situação. Ora, brincar dá às crianças uma oportunidade de se exprimirem sem precisarem de verbalizar o que sentem, de exprimirem as suas emoções de uma forma simbólica e permitirem aos adultos compreenderem-nas (Torrado, 2018). Outra particularidade fundamental no brincar passa pelo desenvolvimento da atenção, do raciocínio, da criatividade e da imaginação, pois as brincadeiras integram novas formas de linguagem, ajudando a criança a refletir na realidade de maneira criativa (Valério, 2016).

Através do jogo, as crianças acabam por entender o valor da persistência, do esforço, da partilha, do respeito e da amizade (valores fundamentais para o resto da vida), pois socializam e convivem com os outros e aprendem regras, não só de jogos mas também da sociedade em si. A brincadeira vai, portanto, muito além do brinquedo por si só, pois qualquer objeto pode ser transformado em brinquedo (Torrado, 2018).

Com o avançar da sociedade e da tecnologia, cada vez os pais têm menos tempo para as crianças e, conseqüentemente, as crianças menos tempo para brincar livremente (Torrado, 2018). Estão, cada vez mais, a passar os dias fechados em casa, frequentando apenas a escola, estando restritas a salas de aulas, tendo cada vez menos tempo para brincar em prol de atividades extracurriculares ou trabalhos de casa (Valério, 2016). Esta brincadeira livre está a ser substituída pela televisão e por outras tecnologias, o que traz à criança uma atitude passiva e dependente dessas mesmas tecnologias (Torrado, 2018).

Percebemos assim, que o brincar oferece ferramentas de aprendizagem, de liberdade, de autonomia e de satisfação, possibilitando à criança uma vida em sociedade equilibrada e feliz, tanto em criança como em adulto (Torrado, 2018).

Devido a esta importância do jogo e da brincadeira na aprendizagem das crianças, o recreio escolar também simboliza uma mais valia para esta aprendizagem pois representa um momento de atividade livre e de participação voluntária, em que cada

criança pode criar a sua própria atividade, definir com quem a partilha e quando a dá por terminada. E a verdade é que enquanto a criança se distrai na brincadeira, ela aprende com isso. Há uma facilidade maior de aprender pelo meio lúdico, devendo os pais e educadores/professores saberem a importância dos brinquedos e estimularem o entretenimento, pois este tem influência no bem-estar das crianças (Pereira et al, 2020).

De acordo com vários estudos, conduzidos por investigadores de diversas áreas, é possível perceber que “nos contextos de educação de infância, parece existir uma relação entre a diminuição do tempo dedicado a brincar e o aumento de comportamentos agressivos extremos em crianças pequenas”; “as crianças que se envolvem com frequência em atividades de brincadeira desenvolvem competências matemáticas essenciais, tais como contar, comparar, medir, classificar, seriar, construir padrões, fazer estimativas, adicionar, subtrair, etc., fundamentais para a construção dos conhecimentos matemáticos formais”; “as crianças de 5 anos que frequentam contextos de educação de infância que privilegiam atividades académicas e o ensino formal da leitura em detrimento de atividades de brincadeira, não evidenciam ganhos no desenvolvimento das competências de literacia a longo prazo”, e que “as crianças de 3 a 6 anos que frequentam contextos de educação de infância que privilegiam a brincadeira e a escolha, têm mais sucesso académico e pessoal a curto e longo prazo” (Lino, 2019).

Algumas descobertas sugerem que, não só a exploração é uma forma das crianças aprenderem novas informações, como também pode refletir a sua compreensão na eficácia das suas ações, recomendando que “as crianças explorem o ambiente, não apenas quando se deparam com situações novas ou ambíguas, mas também para aprender algo sobre o mundo” (Sobel & Letourneau, 2018, p. 961).

“O papel do educador nas brincadeiras é o de observador e de mediador. A observação cuidadosa de cada criança e do grupo permite aos educadores adaptar as situações de brincadeira a cada criança, seguindo o seu desenvolvimento e ritmo pessoais. Permite, ainda reconhecer qual é o seu papel em cada brincadeira, podendo assumir um papel mais ou menos ativo, acompanhando sempre a escolha e a liderança da criança” (Lino, 2019).

Segundo Rolim et al (2008), Vygotsky afirma que a brincadeira e o brinquedo ajudam a criança a diferenciar a ação do significado, e que assim, “o lúdico torna-se uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades do processo ensino-aprendizagem”. “O brinquedo acaba por se traduzir numa transição, entre a ação da

criança com objetos concretos e as suas ações com significado, que simboliza um elemento fundamental para o desenvolvimento da criança” (Rolim et al, 2008, p.177-178).

Enquanto Vygotsky (citado por Sobral & Ribeiro, 2019, p.3) “discute aspetos da infância destacando-se as suas contribuições acerca do papel que o brinquedo desempenha, fazendo referência a sua capacidade de estruturar o funcionamento psíquico da criança”, Piaget afirma que o jogo “é a construção do conhecimento, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório” (p.3). Percebemos através dos estudos de Vygotsky que “a noção de brincar satisfaz certas necessidades da criança e que essas necessidades são distintas em cada fase da criança, pois vão mudando no decorrer de sua maturação” (p.180), sendo necessário ir evoluindo na forma como lidamos com as crianças, pois estas possuirão novas formas de brincar, mais desenvolvidas (Rolim et al, 2008).

Apesar da enorme importância do brincar livre na infância, há quem afirme que o auxílio do adulto acaba por ser uma mais valia. Ou seja, é quando se organizam atividades com a intervenção do adulto, que as crianças tendem a desenvolver as suas capacidades e habilidades motoras mais do que o esperado (Wickstrom citado por Pereira, 2020).

### **2.3 O método de Montessori**

Um método que visa o desenvolvimento da autonomia é o método de Montessori, que é aplicado em crianças, proporcionando-lhes um ambiente preparado e agradável onde cada elemento tem um propósito específico que favorece o desenvolvimento da criança (Reis, 2022). Este tem como objetivo principal “auxiliar o desenvolvimento normal da criança, e não a transmissão de conhecimento” (p.325) como é tradicional e onde as aprendizagens dos adultos sejam mínimas (Pessoa, 2017). Ou seja, neste método o adulto é num observador mas também um guia que ajuda e estimula a criança, permitindo que estas façam e reflitam por si próprias e desenvolvendo a confiança e disciplina interior (Reis, 2022).

A criança é o foco do método de Montessori enquanto que o professor/educador tem o papel de acompanhante, guiando-a e aconselhando-a mas nunca impondo o que deve ser aprendido. Maria Montessori alega que os educadores devem acompanhar a criança, distinguindo as particularidades de cada faixa etária, bem como as necessidades

educativas específicas (Reis, 2022). Este método ocorre através da observação do comportamento das crianças e nele o ambiente é considerado imprescindível pois é um ponto fulcral na construção do conhecimento (criação de um ambiente apropriado onde se podem movimentar em liberdade) (Bozza, 1992).

Montessori “focaliza a autonomia como algo primordial para o desenvolvimento humano, cada pessoa tem a capacidade de aprender por si mesma, desde que haja as condições necessárias” (citado por Pessoa, 2017, p.325). O método de Montessori quando aplicado em ambiente escolar apresenta características específicas, apresentando um currículo multidisciplinar (permissão de trabalhar um conteúdo a partir de diversas disciplinas), a criança tem um papel ativo na aprendizagem, as salas incluem crianças de diferentes idades e cada uma passa por diferentes estágios de aprendizagem (conforme o ritmo de cada criança), sendo o processo de aprendizagem realizado através de utensílios do cotidiano e as crianças estimuladas a um autoconhecimento e autodisciplina (Silva, 2019).

Todo o método é estruturado tendo em conta o ritmo de cada criança, apoiando-se na individualização do ensino (desenvolvimento da autoconfiança, utilização de materiais adequados a cada etapa de progresso e liberdade de escolha de atividade) dentro de um ambiente “preparado” que possui um professor que observa apenas e não intervém (Bozza, 1992), organizando o ambiente e facilitando as atividades (Pessoa, 2017).

O método de Montessori sustenta-se nos seguintes pilares: movimento e cognição (interligados entre si, pois o movimento pode melhorar o pensamento e a aprendizagem); liberdade de escolha (a aprendizagem e o bem-estar das crianças melhoram a partir do momento em que elas têm controlo sobre a sua vida, desenvolvendo o sentido de independência e de responsabilidade); interesse (as crianças fixam e memorizam melhor aquilo que estão a aprender se estiverem interessadas no assunto, obtendo compreensão e concentração); recompensas interiores (o sentido de erro e o sucesso são do foro interior e contribuem para a autoestima, sentido de responsabilidade e pensamento crítico); aprender com os colegas (quando as crianças se ajudam mutuamente, acabam por fortalecer a aprendizagem, promovendo o respeito, a tolerância e a solidariedade); aprendizagem inserida num contexto real (aprendizagem realizada dentro de um contexto específico); interação professor-criança (o professor observa e acompanha as crianças, cedendo a estas a oportunidade de atuar, querer e pensar por si próprias e desenvolvendo a autoconfiança e disciplina); ordem no ambiente e na mente (melhor aprendizagem num

ambiente estruturado e organizado proporcionando clareza no pensamento e concentração) (Reis, 2022). Este método apoia-se em brinquedos específicos que facilitam o desenvolvimento psicomotor e sensorial e promovem a criatividade e a memória. Os brinquedos possibilitam o olhar e o toque por parte da criança, fazendo com que esta descubra sensações e aprenda mesmo depois de errar.

#### **2.4 O *Guided play* associado à aprendizagem das crianças**

Pesquisas sugerem que o jogo oferece inúmeros benefícios à aprendizagem das crianças, mas que quando se espera que as crianças alcancem um objetivo específico é necessário fornecer um ambiente institucional mais estruturado, permitindo uma melhor construção do conhecimento. O jogo livre acaba, muitas vezes, por melhorar a atenção e o foco das crianças, bem como libertar a sua energia em excesso, mas não corresponde ao método mais benéfico para a aquisição de conteúdos específicos. Deste modo, o jogo livre pode não ser o ideal onde há um objetivo curricular particular em causa (Weisberg & Zosh, 2018).

Mesmo assim, esta forte ligação entre o jogo e o desenvolvimento das capacidades sociais e cognitivas da criança, remete-nos para o *guided play* (aprendizagem guiada ou jogo guiado), que se preza pela união da autonomia e exploração da criança com os melhores elementos da instrução guiada pelo professor. De acordo com alguns autores, esta aprendizagem guiada pelo adulto é extremamente importante para uma melhor aquisição de competências por partes das crianças, pois até mesmo as crianças mais velhas podem ter dificuldades de aprendizagem num certo tipo de conceitos, se não forem devidamente auxiliadas (Weisberg et al., 2016).

O *guided play* apresenta dois elementos-chave: a autonomia da criança e a orientação dos adultos. Neste método, o controlo da aprendizagem é conduzido pela criança, de modo a que a sua participação e compromisso seja garantido, melhorando, assim, a sua aprendizagem. (Bidarra et al., 2020).

Ainda devido à importância do jogo na aprendizagem das crianças, o *guided play*, representa o jogo associado à orientação do adulto, ou seja, a aprendizagem de novos conteúdos e habilidades perante uma forma de brincadeira dirigida à criança, mas com o apoio do adulto (abordagem durante o jogo livre que oferece, simultaneamente,

oportunidades de aprendizagem) e este método revela-se, cada vez mais, uma estratégia de ensino eficaz (Weisberg & Zosh, 2018).

Esta forma de jogo permite que as ações da criança levem ao objetivo de aprendizagem que é suposto esta atingir. Os adultos podem, deste modo, estruturar um ambiente antecipadamente (como no método de Montessori) através de certos tipos de brinquedo ou observando as crianças num momento de brincadeira e sugerindo novas atividades (incentivo para que as crianças explorem novos brinquedos desconhecidos ou novos materiais). Dentro deste método, as ações das crianças são escolhidas por elas mesmas, livremente, característica partilhada com o jogo livre. No jogo guiada, em contrapartida ao jogo livre, o adulto deve ir fornecendo orientação subtil de modo a que esta explore para alcançar o objetivo (Weisberg & Zosh, 2018).

Segundo Weisberg e Zosh (2018) “as crianças que se envolveram em atividades lúdicas guiadas eram mais propensas a aprender uma informação-alvo do que as crianças que se envolveram em brincadeiras livres e, em alguns casos, mais do que as crianças que foram instruídas diretamente” (p.3). Reforçando esta ideia, vários estudos afirmam que as crianças podem aprender sobre estruturas novas quando exploram livremente e algumas análises demonstram que a aprendizagem através do *guided play* é comparável, se não melhor, do que a aprendizagem por instrução direta, ambos superiores à aprendizagem apenas com o jogo livre.

Na opinião de Weisberg et al. (2016), o *guided play* pode ser desenvolvido de duas formas, uma em que os adultos projetam um cenário para destacar um objetivo de aprendizagem, garantindo a autonomia para explorar por parte da criança; e outra que ocorre quando os adultos observam atividades dirigidas para crianças e posteriormente, incentivam as crianças a questionar e ampliar os seus interesses e fazem comentários sobre as atividades. Estes autores afirmam que se as crianças jogarem sozinhas com brinquedos de modo a aprender e a descobrir como eles funcionam são mais bem sucedidas do que se jogarem com esses brinquedos depois de assistir a uma exemplificação de como funciona o brinquedo e apenas para confirmar o que um adulto demonstrou. Ou seja, o adulto desempenha um papel muito importante para as crianças mas não deve ser autoritário e sim uma simples ajuda e auxílio, deixando a criança descobrir por ela própria através da observação, toque e descoberta.

Segundo Weisberg et al. (2016), “a participação ativa das crianças na descoberta, combinada com estruturas apropriadas de um adulto experiente, permite que as crianças

entendam melhor as características” (p.179) de qualquer que seja o objeto ou situação que se deparem, esta combinação acaba por se refletir numa abordagem pedagógica muito poderosa para a aprendizagem das crianças mais pequenas. É importante que as crianças explorem por elas próprias pois é dessa forma, que elas descobrem novas funções e novas formas de lidar com as situações, tendo sempre suporte por parte dos adultos.

Este método de aprendizagem respeita a autonomia da criança e cultiva o gosto por aprender, demonstrando sempre suporte e auxílio. Assim, é como se existisse um acordo de fatores ambientais e, também, psicológicos, que moldam suavemente as crianças, não só nos resultados que se pretendem na aprendizagem como também numa atitude mais positiva em relação à aprendizagem em si. (Weisberg et al., 2016).

Podemos concluir que o jogo livre é fundamental para um desenvolvimento saudável e é essencial no aumento de habilidades específicas na infância, mas as crianças precisam, paralelamente, de ser direcionadas para os aspetos relevantes de um determinado problema se quiserem aprender. Assim, o *guided play* combina os melhores elementos da brincadeira livre e da instrução direta: a autonomia da criança e o conhecimento do adulto (Weisberg et al., 2016).

## **2.5 AutoSTEM**

O projeto AutoSTEM, executado no âmbito do Programa Erasmus+ foca-se nas áreas das Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM – Sciences, Technology, Engineering, Mathematics) tem como objetivo fundamental fomentar e desenvolver a aprendizagem das crianças nessas mesmas áreas, através da construção de autómatos. Este projeto visa desenvolver a interdisciplinaridade, utilizando os autómatos como recurso de estimulação de educadores e professores. O projeto foi coordenado pela Universidade de Coimbra, tendo vários parceiros internacionais (Bulgária, Noruega, Itália e Reino Unido) (Costa, 2021). Na educação contemporânea, existe ainda pouca motivação e interesse pelas áreas das ciências, sendo necessário estimular e promover estas áreas nos primeiros anos de escolaridade (Santos, 2020).

O projeto em causa foi implementado sobre um tipo de ensino diferenciado, ensino esse que resulta da união de dois diferentes sentidos, um em que “os adultos projetam o cenário para destacar um objetivo de aprendizagem enquanto garantir que as crianças tenham autonomia para explorar dentro desse cenário” (Weisberg citado por

Bidarra, 2020, p.223) e outro em que "os adultos seguem a liderança da criança e moldam a experiência de aprendizagem através de perguntas e interações ponderadas" (Hadan citado por Bidarra, 2020, p.223) levando com isto ao alcance dos objetivos de aprendizagem estipulados. Este tipo de ensino é caracterizado por *guided play* e foca-se sobretudo na autonomia da criança, ou seja, esta possui o controlo da atividade, garantindo assim a sua participação e melhorando a sua aprendizagem (Bidarra, 2020).

Esta aprendizagem por meio do *guided play* é extremamente importante nas áreas de STEM, pois estas representam conceitos complexos que muitas das vezes as crianças ficam impossibilitadas de aprender sozinhas, necessitando assim da orientação de um adulto de modo a atingir a melhor aprendizagem possível. A harmonia entre a autonomia da criança e a experiência do adulto é, assim, uma mais valia para o desenvolvimento da criança. O projeto visa compreender as vantagens dos autómatos no brincar das crianças e promover entre elas uma melhor compreensão das áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, desenvolvendo interesse por essas áreas, bem como potencializar “o pensamento criativo, resolução de problemas e capacidade de compreensão” (Bidarra, 2020, p.223).

Devido a este projeto se prezar pela ideia de que o brincar é uma mais valia para a aprendizagem das crianças e que simboliza um dos pontos fulcrais para o seu desenvolvimento, os autómatos representam “brinquedos mecânicos para crianças, pequenas esculturas de arte cinética, que incluem engenharia, consciência cultural e expressão artística” (Costa, 2021, p.222) que têm a sua pedagogia baseado no brincar. Para a sua construção o adulto deve fornecer indicações detalhadas (narrativa e mecanismo) às crianças, permitindo que esta consiga atingir o objetivo autonomamente e esta construção deve potencializar “a aquisição de competências como a observação, a resolução de problemas, a criatividade e ainda a cooperação e a motivação” (Costa, 2021, p.222). Desta forma, esta dualidade de características dos autómatos, por um lado uma narrativa, e por outro um mecanismo, promove o interesse pelas áreas STEM, “em termos de conhecimento e construção de mecanismos simples, compreensão do seu funcionamento e /ou da narrativa que representam, e competências” (Santos, 2020, p.117) estimulando a aprendizagem lúdica (Santos, 2020).

Devemos ainda referir “estudos sobre a importância das emoções na aprendizagem, numa abordagem neuropsicopedagógica, reforçam a importância deste tipo de atividades” (Fonseca citado por Costa, 2020, p.223), enfatizando a criação dos



próprios brinquedos/objetos realizada pelas crianças que lhes permite exprimir as suas emoções e aprenderem através delas (Costa, 2021). Estes autómatos são, assim, centrados na criança, fascinando-as devido ao seu mecanismo e combinando diferentes usos na educação. Para além deste interesse por parte das crianças, estes são simples de criar em sala de aula, sendo elaborados a partir de movimentos simples em crianças mais pequenas e movimentos mais complexos em crianças maiores (de acordo com a idade). Esta construção pressupõe sempre um desenvolvimento de inúmeras competências na criança, como o trabalho em grupo.

O projeto AutoSTEM abrange diferentes modalidades de autómatos, existindo 16 exemplos em estudo. No entanto, o mais desenvolvido é o *Jelly Bird* (um protótipo de um mecanismo deslizante de um pássaro), que é feito de papel e papelão e representa os movimentos de um pássaro. “As disciplinas STEM podem ser introduzidas na construção do *Jellybird*, nomeadamente para aprender sobre física e mecanismos, para desenvolver competências de engenharia de análise e construção ou outros objetivos de *soft-learning* como resolução de problemas e criatividade” (Bidarra, 2020, p.223). A atividade de construção do autómato pela criança deve ter a orientação do adulto (*guided play*) (Bidarra, 2020).

### **Capítulo 3 – Trabalho de estágio e atividades desenvolvidas**

O estágio curricular relativo ao presente relatório foi iniciado no mês de outubro de dois mil e vinte e um e contou com um total de oito meses de trabalho de campo. Durante este estágio tive contacto com todo o pessoal docente da instituição, pois frequentei todas as salas existentes (umas por mais tempo que outras) e, de certo modo, com todas as crianças existentes também.

Devido a esta passagem por todas as salas da instituição, quer de creche quer de pré-escolar, como é de esperar verifiquei uma diferença muito significativa de sala para sala, não só pelo facto das educadoras lidarem com diferentes idades e, portanto, terem diferentes formas de trabalho, como pela própria maneira diferente de ensinar de cada educadora, apresentando estas diferentes perceções de como será a melhor forma de educar as crianças.

Ao longo do tempo de trabalho de campo, e da frequência de todas as salas da instituição, consegui assistir à evolução das crianças de diferentes idades e até mesmo de idades semelhantes, bem como da evolução dentro da mesma sala ao longo do tempo (do início de outubro até final de maio). As atividades de sala para sala vão evoluindo, sendo estas mais consistentes, educativas e estruturadas.

#### **3.1 Atividades em Creche**

Como foi referido anteriormente, na Instituição existem sete salas de creche. As duas primeiras salas (1 e 2) representam dois berçários (tendo um máximo de 10 crianças dos 4 aos 12 meses de idade). Aqui é preciso atender às necessidades individuais e coletivas das crianças, tendo o educador um papel crucial nos cuidados para manter a saúde física e psicológica do bebé (dar colo, trocar a fralda, alimentar, adormecer, bem como auxiliar nas pequenas brincadeiras do dia-a-dia). Nesta idade a criança necessita de progredir nas suas habilidades iniciais como a linguagem oral e a conquista dos movimentos. Nestas duas salas acaba por ser um pouco difícil desenvolver atividades mais estruturadas e elaboradas, pois as crianças ainda são muito dependentes dos educadores e estão ainda em fase inicial de crescimento. Pressupõem-se que as crianças aprendam através de pequenas interações uns com os outros e com os educadores e de brincadeiras dentro e fora da sala, desafiando os movimentos. É necessário, assim,

estimular as crianças através de brincadeiras, de maneira a fomentar a memorização de sons e gestos, a interação entre as crianças, a imitação de movimentos, promovendo a coordenação visual-motora e a autonomia da criança. Estes aspetos são despertados mediante atividades de contagem de pequenas histórias, de músicas infantis e pequenas danças, do toque em diferentes tipos de material (papel, cartão, tecido, espuma, tinta, etc.), da ação de pendurar brinquedos que balancem e de obstáculos no chão, de brinquedos com sons e com cores, do balanço de materiais para proporcionar diferentes sons, bem como da aplicação de espelhos (ou material parecido a espelho) de modo a ampliar a descoberta da identidade e da expressividade.

Estas duas salas são divididas em quatro espaços distintos, a sala de atividades, onde são aplicadas as atividades supramencionadas (Figura 2, 3 e 4), a zona de higiene, onde é possível trocar a fralda da criança, a sua roupa ou dar banho se necessário, o dormitório, onde existem camas individuais para cada criança descansar na chamada hora da sesta – das 12h30 até às 14h30 e uma pequena zona de preparação de lanches, onde é possível aquecer leite, preparar papas e distribuir os almoços das crianças (Figura 5).

Para além das atividades já mencionadas, as atividades mais usuais nestas idades passam pela utilização das mãos, dedos e pés em decalque, a utilização de pequenas fotos da criança para elaborar bonecos e os desenhos livres (rabiscos).



Figura 2. Composição de um dos berçários



Figura 3. Composição de um dos berçários



Figura 4. Composição de um dos berçários



Figura 5. Composição de um dos berçários

As três salas seguintes (3, 4 e 10) são consideradas salas de transição e sala heterogénea, respetivamente (tendo um máximo de 14 crianças dos 12 aos 24 meses nas duas salas de transição e um máximo de 16 crianças dos 12 aos 36 meses na sala heterogénea). Apesar destas salas de transição puderem incluir crianças dos 12 aos 24 meses, normalmente as crianças são divididas, se possível, de acordo com o seu

aniversário, mantendo as crianças dos 12 aos 18 meses (1 ano/1 ano e meio) numa sala e as crianças dos 18 aos 24 meses (1 ano e meio/2 anos) na outra. Já a sala heterogénea, como a sua abertura é consoante a quantidade de crianças inscritas e normalmente só funciona mais tarde, abarca crianças dos 12 aos 36 meses, devido à falta de vagas nas salas de um e dois anos.

A sala de transição 3, na instituição em questão é referente às crianças dos 12 aos 18 meses (1 ano/1 ano e meio). Nela as crianças já falam algumas palavras, nomeiam objetos ou ações mais comuns, começando a explorar o mundo de uma nova perspetiva. Colocam-se de pé e aprendem a andar ao longo do tempo, melhorando o seu equilíbrio de dia para dia. O quotidiano destas crianças passa muito pela repetição dos movimentos, pois estes ainda não têm memória permanente, focando sempre a sua aprendizagem no desenvolvimento neuro-motor. A criança permanece atenta a tudo o que a rodeia, às informações que o ambiente lhes fornece, acabando por as palavras e ações do educador serem sempre uma fonte de informação, mesmo que repetida. Os educadores precisam de alguma paciência nesta fase da infância e necessitam de impor regras para que as crianças percebam o que podem e não podem fazer.

Nesta sala é imprescindível que o adulto proporcione segurança à criança, mas proporcione, também, oportunidades para que ela aprenda a andar sozinha, desenvolvendo o equilíbrio, seja para alcançar, agarrar ou largar brinquedos, seja só pela vontade de se movimentar. Deve-se ser claro com a criança, pois esta já entende o que dizemos, demonstrando o que ela pode e não pode fazer (estabelecendo regras e limites em diferentes situações, repetindo sempre aquando de uma situação idêntica).

As atividades do dia-a-dia devem ser identificadas durante a sua realização, explicando o que se deve fazer em cada situação concreta, usando linguagem simples e clara (ex: agora vamos comer a bolachinha da manhã, devem sentar-se na manta), e para além da linguagem simples a caracterizar as atividades do dia-a-dia, deve haver, de igual forma, uma linguagem simples e correta dos objetos ao seu redor, de modo a auxiliar o aumento de vocabulário da criança, permitindo que já se expliquem e façam pedidos. Para a criança se sentir segura, nesta idade, deve haver o menor afastamento possível (curtos períodos de tempo) do adulto à criança, aumentando o período de afastamento ao longo do tempo e quando esta já se sentir segura na sala. Aqui a criança deve, também, aprender a comer sozinha, utilizando o talher na sua própria mão, auxiliando-a apenas no final da refeição.

Outra mais valia nestas idades é a demonstração, ou seja, para que esta aprenda a brincar com um determinado brinquedo ou uma pequena dança, temos que demonstrar primeiro como fazer para que esta possa imitar. E finalmente, aprender a rabiscar nestas idades estimula a criatividade e a coordenação dos movimentos das mãos (sempre com auxílio do adulto).

Durante o meu estágio, frequentei durante bastante tempo esta sala, pois existia falta de pessoal na instituição e substitui essa falta. Portanto foi-me possível assistir a uma evolução enorme por parte destas crianças, que no início do ano letivo muitas não andavam nem falavam e no final já andavam todos e se sabiam expressar e fazer pedidos. Estas crianças aprenderam a conviver umas com as outras, deixando de haver tantas brigas ao longo do tempo e existindo cumprimento de regras por parte destas, regras simples do quotidiano que são repetidas diariamente. Nesta sala fazíamos atividades mais simples com as crianças, desde a pintura com tintas de várias cores para que estas aprendam a agarrar o pincel e observem a tinta no papel (Figura 6); prendas para os pais com o molde das mãos (Figura 9 e 12) e dedos das crianças ou atividades com lápis de cor ou canetas de feltro (mais simples) (Figura 8). Disposto na sala encontravam-se cartazes com os diferentes animais e com as partes do corpo, de modo a estimular a curiosidade das crianças sobre os sons que os animais fazem e replicar em si quais as partes do corpo afixadas. Estas seriam as atividades mais fáceis de reproduzir com as crianças destas idades, para além do apoio no brincar e nos brinquedos (sempre existentes em sala e que tanto ensinavam às crianças).



Figura 6. Trabalho de pintura livre



Figura 7. Trabalho com rolos



Figura 8. Trabalho de desenho livre



Figura 9. Trabalho com descalque de mão



Figura 10. Hora da sesta



Figura 11. Trabalho com rolos



Figura 12. Trabalho com descalque de mão

Já a sala de transição 4, na instituição em questão é referente às crianças dos 18 aos 24 meses (1 ano e meio/2 anos). Neste momento a criança já consegue compreender melhor o que é dela e o que é dos outros, (ainda que muitas vezes brigue por brinquedos) necessitando de orientação para aprender sobre as regras e limites de convivência com os outros. Começa a entender que não pode fazer e ter tudo o que quer, tendo cada vez mais certeza sobre o que quer realmente e exercendo o seu poder de decisão relativo às atividades. Apesar disso, a criança ainda não compreende a diferença entre o certo e o errado e não tem base suficiente de decisão sobre o que é ou não adequado à sua rotina (atividades, alimentação, bem-estar e convivência).

Nesta idade, as crianças continuam a precisar de uma rotina de atividades regular (a previsibilidade simboliza segurança) e de informações relativas às atividades do dia-a-dia. É imprescindível que se evitem tons de pergunta que possam confundir a criança (ex: “é hora do banho!” ao invés de “vamos tomar banho?”) e deve-se incentivar a escolha de decisões por parte da criança, oferecendo no máximo 2-3 opções. A imitação dos gestos dos adultos continua a ser crucial, bem como cantar pequenas músicas e histórias que estas possam repetir. Pressupõe-se que as crianças consigam dialogar sobre o seu dia-a-dia ou sobre as personagens de uma determinada história, assim como saibam os nomes dos seus amigos, os lugares que frequenta ou as brincadeiras que faz, tentando estimular cada vez mais o desenvolvimento da linguagem e da imaginação da criança.

Nestas idades, esperamos que as crianças se aproximem umas das outras, relacionando-se e que consigam interagir juntas durante diversas brincadeiras, fortalecendo a convivência social e os vínculos com pessoas fora da sua família. Devem existir estímulos relativos ao corpo, como brincadeiras que envolvam o uso do corpo (jogar à bola, correr, pular, etc.) ou nomeação das partes do corpo, ensinando as crianças a despirm e vestir pequenas peças de roupa. Para além disso, deve conseguir nomear as sensações físicas a que é exposto (fome, calor, sede, cansaço) e começar a perceber quando necessita de ir à casa de banho (podendo não estar, necessariamente, pronta para o desfralde).

A criança deve, assim, saber identificar elementos (figuras de animais, peças de vestuário, objetos domésticos, figuras de frutas, materiais, etc.), desenhar livremente seja no papel (com giz, lápis, canetas ou tinta), seja na areia ou na terra (com o dedo), bem como separar objetos da mesma cor ou da mesma forma, e desenvolver a criatividade e a imaginação através de pequenos pedaços de madeira, plásticos entre outros.

Durante o estágio, frequentei esta sala de transição durante vários dias, ao longo do ano, desenvolvendo pequenas atividades nela. Realizámos trabalhos de pintura de desenhos com canetas de feltro (relativos ao carnaval) (Figura 13 e 14), bem como de desenhos e identificação de elementos relativos ao inverno (gorro, cachecol, luvas, casaco, etc.), assentando na dicotomia do frio/calor, e ainda apoiarmo-nos em canções de inverno. Posteriormente desenvolvemos chapéus de carnaval realizados a partir de rolos de papel higiénico e cartolina, enfatizando a importância da reciclagem e apelando ao divertimento das crianças. A leitura de pequenas histórias era realizada todos os dias, com o olhar muito atento da parte das crianças, assim como a reprodução de músicas já conhecidas por estas e danças relacionadas. Nesta, começa a existir o desfalde por parte de diversas crianças, sendo tudo apontado numa folha com o devido efeito (Figura 15).



Figura 13. Desenho temático



Figura 14. Desenho temático

NOME DA CRIANÇA	FREQÜÊNCIA					ALIMENTAÇÃO, BEBIDAS e SAÚDE
	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	
ALLIANZ						
ADRIANA						
BENJAMIM						
DUARTE						
EVY						
FRANCISCO						
FRANCISCO M.						
ISABELLA						
LEO						
MARTINA						
MATEUS						

LEGENDA:  
 1 - Faltoso  
 2 - Ausente  
 3 - Doente  
 4 - Com fome  
 5 - Com frio  
 6 - Com calor

Figura 15. Plano de Cuidados Pessoais

A sala heterogénea (10) como foi anteriormente referido abrange 16 crianças dos 12 aos 36 meses e a sua abertura é realizada apenas aquando a falta de vagas nas restantes salas. Assim sendo, as crianças que a frequentam podem apresentar diferentes tipos de maturidade, umas mais novas (12 a 24 meses) e outras mais velhas (24 aos 36 meses), acabando sempre por ser um pouco complicado conciliar as idades mas não é impossível. É assim, mais difícil de estabelecer metas dentro desta sala, sendo elas as mesmas tanto das salas de transição como das salas de dois anos. Durante o meu estágio, esta foi a única sala que, de certo modo, não frequentei, apesar de ter interagido algumas vezes com as docentes e as crianças da sala.

As duas últimas salas da creche (5 e 6) representam as salas dos dois anos (tendo no máximo 18 crianças em cada, dos 24 aos 36 meses). Nestas idades pressupõe-se que a criança ainda precise de alguma orientação para compartilhar brinquedos, aguardar a sua vez para uma determinada tarefa ou aceitar o que é dela e é dos outros por completo. Ainda não possui controlo emocional, estando ainda a conhecer as emoções e sensações



corporais a que está exposta. Continua numa fase em que necessita de previsibilidade para se sentir segura (rotina clara) e é nesta e nas próximas fases do desenvolvimento que surgem as birras (gritos, choros, deitarem-se no chão).

Devemos procurar responder e acompanhar as atividades das crianças e demonstrar interesse e satisfação pelo desenvolvimento das crianças, elogiando sempre as suas conquistas e auxiliando apenas quando ela necessita realmente. Espera-se que nesta fase da infância aconteça o desfralde completo através da estimulação do controlo da urina e das fezes, sem pressionar a criança. E que esta se saiba alimentar, vestir e escovar os dentes autonomamente. A criança deve aprender a esperar a sua vez nas mais diversas situações que possam surgir, sem querer ultrapassar e magoar os outros, desenvolvendo assim a convivência com os seus colegas. Bem como desenvolver tolerância perante certas frustrações (como perder nos jogos ou não receber nada quando vence) e conseguir conter os seus impulsos e refletir sobre o seu comportamento.

Assim, percebemos que nestas salas já é possível desenvolver algumas atividades mais elaboradas como o desenho abstrato, a pintura com tintas utilizando outros objetos (como carros de brincar, gelo, esponjas), a leitura de histórias em que as crianças já entendem, a identificação de objetos e de cores, cantar músicas com eles, etc.

Durante o estágio acabei por frequentar tanto a sala 5 como a sala 6 durante curtos espaços de tempo. Na primeira sala de dois anos, a sala 5 (com crianças mais novas – dos 24 aos 30 meses), desenvolvi atividades como a colagem e decalque de folhas do outono, utilizando tintas e explicando à criança a sua forma e o seu relevo; atividades de pintura com os dedos (tinta azul a fazer de chuva); calendário temático e individual para cada criança com fotos tiradas às crianças (com objetos diferentes de modo a simbolizar épocas festivas) e pinturas realizadas com a folha dobrada ao meio, de modo a que a criança crie um desenho simétrico com tintas. Aqui são, igualmente, lidas histórias diariamente, que as crianças já compreendem bem, estas já sabem identificar símbolos e elementos ligados a diferentes aspetos, identificar os amigos e conviver com eles através de brincadeiras conjuntas, assim como dançar e cantar músicas.



Figura 16. Painel temático sala 5



Figura 17. Hora da sesta



Figura 18. Hora da sesta



Já na segunda sala de dois anos, a sala 6 (com crianças mais velhas, quase em pré-escolar – dos 30 aos 36 meses), desenvolvi atividades com tintas e carros com rodinhas, de modo a que as crianças desenvolvam a sua motricidade através do brinquedo (Figura 19); atividades que envolvem o questionamento “o que fizeram no fim-de-semana com os pais?”, em que a educadora descreve a atividade realizada numa folha e a criança deve desenhar o que para ela foi a atividade (que acaba por ser algo ainda muito vago) (Figura 20 e 21); atividades de pintura com gelo, ou seja, apelar à envolvência de materiais um pouco diferentes, a que as crianças não estão tão habituadas e transformar numa atividade estimulante; atividades que envolvem a pintura através do decalque do braço (fazendo o tronco de uma árvore, por exemplo) e com as suas próprias mãos, permitindo que estes toquem na tinta e se sujem. A leitura de histórias acontece bastante, bem como a predominância de músicas infantis. Cada criança brinca livremente na sala, mas mostrando mais interesse no espaço da “casinha” ou da pista de carros, neste caso. Nesta sala foi possível a interação com duas crianças diagnosticadas com autismo, que necessitavam de uma atenção especial e que acabavam por viver no seu mundo, sem interagir com os outros.



Figura 19. Trabalho com carrinhos



Figura 20. Trabalho de identificação de atividades



Figura 21. Trabalho de identificação de atividades

### 3.2 Atividades em Pré-escolar

Como referido anteriormente, para além das sete salas de creche existentes na instituição, esta abarca ainda três salas de ensino pré-escolar (apesar de cada uma ter a possibilidade de conter crianças dos 3 aos 6 anos, na presente instituição uma é destinada a crianças dos 3/4 anos, outra dos 4/5 anos e por último, dos 5/6 anos). Ora, é a partir dos 3 anos que as crianças começam a ter capacidade para desenvolver as tarefas do dia-a-dia sozinhas (autocuidado, alimentação, vestuário, necessidades, etc.) ainda que demorem um pouco a realizá-las no começo. Nesta fase, pressupõe-se que a criança entre de vez no jogo simbólico, devido à diminuição de orientação individual.

É aqui que as crianças dominam por completo os seus movimentos corporais básicos (melhorando cada vez mais a corrida, os pulos e até as cambalhotas) e onde demonstram um especial interesse por corridas e obstáculos, bem como por brincadeiras que reproduzem as atividades dos adultos (casinha, escritório, médico, professores). É ao longo desta fase do pré-escolar, que a hora da sesta vai diminuindo, deixando de existir a certa altura.

Nos 3/4 anos é onde as crianças desenvolvem a sua linguagem oral e escrita, começando a escrever pequenas palavras e recontando histórias (com princípio, meio e fim integrados) e onde se deve fornecer espaço para exploração de ambientes (tarefas fora de sala duas vezes por dia).

Entre os 4/5 anos começa a desenvolver-se o pensamento sincrético (união da realidade à fantasia de modo a construir conhecimento) e o professor precisa de começar a orientar as crianças para que estas consigam definir a noção de espaço e tempo, consigam solucionar problemas e encontrar soluções e explicações para todo o tipo de situações. Nesta fase as crianças comunicam e interagem muito entre si, desenvolvendo grandes amizades, mas é, também, aqui que começam a excluir alguns colegas (por diversas razões). A sala é totalmente explorada por estas crianças, estimulando a sua interação e a criação de atividades que garantem a autonomia e o ritmo de cada criança.

Dos 5/6 anos as crianças revelam outro tipo de maturidade, deixando de parte algumas brincadeiras que a partir daqui lhes parecem infantis. São totalmente autónomos nas tarefas diárias (necessidades, alimentação, vestuário, etc.), no entanto precisam ainda de alguma orientação no que diz respeito às atividades e aprendizagem. Deve ser estimulada a concentração perante exercícios de cariz curricular (matemática, estudo do meio ou linguagem), de modo a que estes atinjam os melhores resultados possíveis na aprendizagem.

Assim, a primeira sala de pré-escolar é referente às crianças de 3/4 anos. E durante o estágio frequentei muito pouco tempo esta sala, não desenvolvendo atividades específicas. Apenas auxiliei na pintura de desenhos (associando as cores respetivas a certos objetos, quando as crianças não sabiam), na construção de diversos jogos (jogos de tabuleiro que a criança pede para fazer com ela), participei em pequenas leituras e no estabelecimento de regras dentro da sala. Para além disso, de todas as vezes que estive na sala, era desenvolvido um exercício de modo a que as crianças libertassem a sua energia

em excesso, correndo no corredor com orientação do educador. Ajudei também a criar os fatos relativos a uma apresentação das crianças aos pais (marcha dos santos populares).



Figura 22.  
Disposição da sala 7



Figura 23.  
Disposição da sala 7

A segunda sala de pré-escolar recebe crianças dos 4/5 anos, e aqui passei grande parte do meu estágio, sendo possível desenvolver inúmeras atividades com as crianças destas idades. No início ainda dormiam na hora da sesta e a meio do ano passaram a deixar de dormir, mantendo-se acordados a brincar ou a desenvolver atividades. Devido à utilização de um manual de atividades específicas para os 4/5 anos, as crianças acabaram o ano letivo a saber, superficialmente, o abecedário todo, mas a conseguir identificar e delinear perfeitamente as vogais e os números. Foram realizados inúmeros exercícios de associação dos números aos objetos, assim como das cores. As crianças aprenderam a recortar, a pintar cada vez melhor (pintura mais desenvolvida (Figuras 29 e 30), dentro dos contornos) e a fazer desenhos concretos que fosse possível decifrar. Foram, igualmente desenvolvidas atividades ligadas às figuras geométricas (Figura 27 e 28), ao corpo humano, às emoções, à higiene pessoal, aos animais, etc. Nestas idades, as crianças têm especial interesse em contar o que fazem com os pais, em ouvir histórias e recontá-las. Gostam de desenvolver atividades com esponjas (esponjar) (Figura 31), com carimbos e levar brinquedos de casa para a escola, para mostrarem aos colegas. Os puzzles são uma mais valia nestas idades, bem como as brincadeiras na “casinha” ou histórias através do computador, que as crianças acabam por mostrar muito interesse e atenção. Para além do manual e das “fichas” fornecidas pela educadora, foram realizadas algumas atividades mais específicas como: a prenda do dia da mãe (retrato, em desenho, da mãe por parte da criança) com moldura em jornal (Figura 24); a prenda do natal (pintura do desenho do presépio) e colagem em madeira (Figura 25) e a germinação do feijão (“cultivo” do feijão em algodão, aprendendo a cuidar dele até crescer) e adicionar um desenho de um castelo, referente à história de “João e o pé de feijão” (Figura 26).



Figura 24. Prenda do Dia da Mãe



Figura 25. Prenda de Natal



Figura 26. Germinação do feijão



Figura 27. Atividade relacionada com o círculo



Figura 28. Atividade relacionada com o quadrado



Figura 29 e 30. Atividade com tintas



Figura 31. Atividade de esponjar

A última sala do pré-escolar é a sala dos 5/6 anos, a qual apenas frequentei dois ou três dias no ano letivo completo. Assim, as atividades que mais desenvolvi nesta sala, foram a leitura de uma história seguida da elaboração de uma ilustração relativa à história e explicação do que desenharem (a parte da história a que o desenho remete); a repetição dos números até ao 20 para que se recordem sempre deles; desenhos abstratos por parte das crianças (normalmente a pedidos delas) e realização de algumas brincadeiras dentro e fora da sala (recreio).

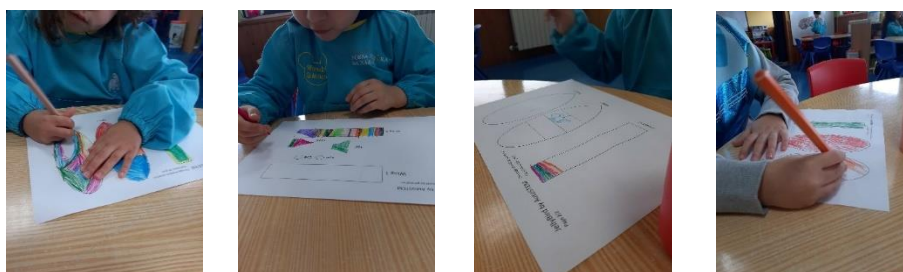
### 3.3 Atividade *Jelly Bird*

Ora, para além das atividades realizadas em cada uma das salas da instituição, desenvolvi durante o estágio uma atividade completamente proposta por mim e nova para todas as docentes. A atividade intitula-se de *Jelly Bird*, um autómato (brinquedo mecânico para crianças) inserido no projeto de AutoSTEM, projeto esse que visa desenvolver o interesse das crianças nas áreas da Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (como supramencionado). Este autómato trata-se de um protótipo de um mecanismo deslizante de um pássaro, feito de papel e papelão e que no fim da sua construção imita os movimentos de um pássaro. Esta atividade assenta na dualidade da teoria do *guided play*, teoria essa que preza não só a autonomia da criança como a experiência do adulto.

A minha aplicação foi realizada na segunda sala pré-escolar (sala 8) com as crianças dos 4/5 anos de idade e foi aplicada em 15 crianças. Esta atividade contou com pintura, recorte, colagem e, portanto, construção do *Jelly Bird*. Nestas idades o mais complicado na construção é sem dúvida o recorte, tendo que ser vigiado pelo adulto e assim foi. Realizei pequenos grupos de 5 crianças em que cada uma pintou o corpo do seu pássaro, as asas, o bico e a cauda da maneira que preferiu (Figuras 32 a 44). Posteriormente, passou-se ao recorte de cada parte do pássaro, pedindo às crianças que identificassem cada uma delas e as comparassem tanto com figuras geométricas como com um corpo de um pássaro real (devido à dificuldade por parte das crianças para realizar este passo relativo ao recorte, não me foi possível fotografar pois encontrava-me a auxiliar as crianças). O seguinte passo passava pela colagem das diferentes partes do corpo e pressão para que estas colassem realmente (Figuras 32 a 44). Por último, procedemos à montagem das asas e construção final do brinquedo (Figuras 32 a 44).

As crianças estiveram, durante todo o processo, muito entusiasmadas, demonstrando muito interesse na construção deste brinquedo. Contaram pequenas histórias que já teriam presenciado com tema dos pássaros (não se alongando muito e não desenvolvendo histórias a partir da imaginação), como por exemplo de já terem alimentado pássaros num jardim com os pais e desenvolvendo a partir daí. No final, as crianças questionaram se poderiam guardar o seu pássaro, levando-o para casa, mostrando aos seus pais e brincando com ele com outras pessoas.

Em termos de construção do autómato, acho que foi muito bem sucedido, no entanto esperava mais desenvolvimento na fase final da atividade, ou seja, na contagem de histórias, o que não se veio a verificar.



Figuras 32, 33, 34 e 35. Pintura do autómato *Jelly Bird*





Figuras 36,37 e 38. Colagem do autômato *Jelly Bird*



Figuras 39 a 44. Exemplos do projeto final do autômato *Jelly Bird*

## Conclusão

Sabemos que lidar com crianças da creche e do pré-escolar nem sempre é fácil e que estas, cada vez mais, possuem tecnologias à sua disposição, alterando o seu desenvolvimento e crescimento. É, portanto, nas escolas que se deve combater essa crescente era das tecnologias, enfatizando o brincar durante o processo de aprendizagem da criança. Podemos considerar que a autonomia da criança é um dos pilares para o seu melhor desenvolvimento e quando associado ao auxílio do adulto se torna um desenvolvimento pleno.

Apesar de algumas crianças não serem fáceis de lidar ou até de ensinar, a brincadeira será sempre uma mais valia e acabará sempre por funcionar.

Através do presente Relatório e da experiência vivida ao longo do estágio, é possível afirmar que existem métodos muito eficazes na aprendizagem da criança e que um deles se refere ao *guided play*, uma forma de ensinar através da relação entre a autonomia da criança e a experiência do adulto.

Ora, apesar dos resultados de todas as atividades serem extremamente positivos, nem sempre é fácil colocar em prática tudo o que é esperado, originando uma pequena desilusão quando não se verifica o que é suposto, como na aplicação do *Jelly Bird*, falhando na parte de desenvolvimento de histórias por ter sido aplicado em crianças tão pequenas.

O trabalho realizado fez perceber melhor o ponto de vista das crianças e a sua forma de lidar com as diferentes situações do dia-a-dia. E como Maria Montessori diz: “A verdadeira educação é aquela que vai ao encontro da criança para realizar a sua libertação.”

## Referências bibliográficas

- Bidarra, G., Vaz-Rebelo, P., Theil, O., Alferes, V., Silva, I., Barreira, C., Santos, A., Almeida, J., Machado, I., Conceição, A., Bartolleti, A., Ferrini, A., Josephson, J. & Kostova, N. (2020). Guided play: from instructions to creativity when constructing automata. *INFAD Revista da Psicología*, 1(2), 221-228.
- Bozza, P. (1992). *O método Montessori como meio do desenvolvimento sensório-motor em pré-escolares*. Tese.
- Cole, M., Hakkarainen, P., & Bredikyte, M. (2010). *Contexto cultural e aprendizagem na primeira infância*. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância.
- Costa, S., Barreira, C., Rodrigues, A., Catré, N., Bidarra, G. & Vaz-Rebelo, P. (2021). Disseminação e avaliação do projeto autoSTEM: exemplo de uma exposição em contexto escolar. *INFAD Revista de Psicología*, 2(1), 221-234.
- Lino, D. (2019). *A importância do brincar para a aprendizagem e o desenvolvimento na infância*. Disponível em: <http://primeirosanos.iscte-iul.pt/2019/05/08/a-importancia-do-brincar-para-a-aprendizagem-e-o-desenvolvimento-na-infancia/> )
- Mantovani, D. (2020). *Principais benefícios da aprendizagem na primeira infância*. Disponível em: <https://www.undb.edu.br/blogbosco/principais-beneficios-da-aprendizagem-na-primeira-infancia> )
- Nadal, P. (2008). *Educação Infantil, um lugar de aprendizagem*. Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/118/educacao-infantil-lugar-aprendizagem-creche-pre-escola>
- Pereira, B., Condessa, I., Pereira, V., & Rodríguez-Fernández, J. (2020). Avaliação de um programa de intervenção em escolas: Aprender através do jogo. *Revista Portuguesa da Educação*, 33(1), 56-74.
- Pessoa, A. (2017). Método pedagógico Montessoriano contemporâneo e suas implicações na Educação Infantil. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, 2, 320-332.
- Reis, C. (2022). *Método Montessori: o que é e quais os benefícios*. Disponível em: <https://www.e-konomista.pt/metodo-montessori/>



- Rolim, A., Guerra, S., & Tassigny, M. (2008). Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Revista Humanidades*, 23(2), 176-180.
- Santos, A., Vaz-Rebelo, P., Thiel, O., Bidarra, G., Alferes, V., Almeida, J., Barreira, C., Machado, I., Rabaça, F., Dias, M., Pereira, P., Catré, N., Ferrini, F., Bartolleti, C., Josephson, J. & Kostova, N. (2020). Children's engagement and learning in "moving toys" workshops in the 1st cycle of schooling. *INFAD Revista de Psicología*, 1(2), 115-124.
- Silva, G. (2019). *O que é o método Montessori?* E+B Educação. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/o-que-e-o-metodo-montessori>
- Sobel, D., & Letourneau, S. (2018). Preschoolers' Understanding of How Others Learn Through Action and Instruction. *Child Development*, 89(3), 961-970.
- Sobral, S., & Ribeiro, S. (2019). *A importância do brincar na educação infantil – a perspectiva de Piaget, Vygotsky e Kishimoto*. Conedu
- Torrado, I. (2018). *Importância do brincar. Um projeto de especialistas em Pediatria, para as famílias*. Disponível em: <http://criancaefamilia.spp.pt/comportamentos-e-parentalidade/import%C3%A2ncia-do-brincar.aspx> )
- Valério, J. (2016). *A importância do brincar no desenvolvimento da criança*. Disponível em: [https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_opiniao.php?a-importancia-do-brincar-no-desenvolvimento-da-crianca&codigo=AOP0394](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?a-importancia-do-brincar-no-desenvolvimento-da-crianca&codigo=AOP0394) )
- Weisberg, D., Hirsh-Pasek, K., Golinkoff, R., Kittredge, A. & Klahr, D. (2016). Guided play: Principles and practices. *Current Directions in Psychological Science*, 25(3), 177-182.
- Weisberg, D. & Zosh, J. (2018). How guided play promotes early childhood learning. *Encyclopedia on Early Childhood Development*.

## Apêndices

### Apêndice 1 – Plano de Ação da Dinâmica “Rodar para pintar”

<b>Sessão:</b>					
<b>Dinâmica de Grupo:</b> Rodar para pintar					
<b>Data:</b> 3-02-2022					
<b>Local:</b> Jardim de Infância da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré					
<b>Tempo total:</b> 20 minutos					
<b>Dinamizador responsável:</b> Inês Filipa Frade Ramos					
<b>Grupo-alvo:</b> Crianças dos 2 aos 3 anos					
Dinâmica	Objetivo(s) e Mensagem final	Conteúdos a enfatizar	Recursos Organização do espaço/época/local	Passos Sequência das atividades dos participantes	Tempo
Rodar para pintar	<p><b>Objetivo</b></p> <p>Estimular a coordenação motora fina através do brinquedo.</p> <p><b>Mensagem</b></p> <p>No final podemos ver uma tela colorida com um bocadinho de cada criança nela.</p>	<p>Espontaneidade</p> <p>Criatividade</p> <p>Entreajuda</p>	<p><b>Mesa</b></p> <p>Folha A3</p> <p>Tintas coloridas</p> <p>Carrinhos de brincar</p> <p><b>Espaço</b></p> <p>Mesa da Sala</p> <p><b>Local</b></p> <p>Sala do Jardim de Infância</p>	<p>1° Juntar à volta da mesa, no máximo 6 crianças, com uma folha por mesa.</p> <p>2° Colocar um pouco de tinta em frente a cada criança, cada uma com uma cor diferente.</p> <p>3° Entregar um carro a cada criança.</p> <p>4° Explicar que devem pousar o carro na tinta e rodar para diferentes direções.</p> <p>5° Exibir o trabalho feito por todos.</p>	20 min.

### Apêndice 2 – Plano de Ação da Dinâmica “A arte de contar histórias”

<b>Sessão:</b>					
<b>Dinâmica de Grupo:</b> A arte de contar histórias					
<b>Data:</b> três dias por semana					
<b>Local:</b> Jardim de Infância da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré					
<b>Tempo total:</b> 30 minutos					
<b>Dinamizador responsável:</b> Inês Filipa Frade Ramos					
<b>Grupo-alvo:</b> Crianças dos 4 aos 6 anos					
Dinâmica	Objetivo(s) e Mensagem final	Conteúdos a enfatizar	Recursos Organização do espaço/época/local	Passos Sequência das atividades dos participantes	Tempo
A arte de contar histórias	<p><b>Objetivo</b></p> <p>Promover a atenção das crianças aos pormenores da história e combater a distração do grupo</p> <p><b>Mensagem</b></p> <p>O ato de contar uma história enriquece o nosso espírito e ilumina o nosso interior, ampliando a imaginação da criança.</p>	<p>Concentração</p> <p>Atenção</p> <p>Reconhecimento</p> <p>Criatividade</p>	<p><b>Manta</b></p> <p>Livro de história infantil</p> <p><b>Espaço</b></p> <p>Espaço amplo na sala</p> <p><b>Local</b></p> <p>Sala do Jardim de Infância</p>	<p>1° Incentivar as crianças a sentarem-se na manta existente no chão da sala.</p> <p>2° Posicionar-se numa cadeira, em frente às crianças, de modo a que estas consigam ouvir bem e ver o livro.</p> <p>3° Contar a história.</p> <p>4° Fazer perguntas sobre a história às crianças, para perceber se prestaram atenção.</p> <p>5° Apelar à criatividade, pedindo que associem a história a algo que se tenha passado com elas.</p>	30 min.

### Apêndice 3 – Plano de Ação da Dinâmica “De um lado para o outro”

<b>Sessão:</b>					
<b>Dinâmica de Grupo:</b> De um lado ao outro					
<b>Data:</b> um dia por semana					
<b>Local:</b> Jardim de Infância da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré					
<b>Tempo total:</b> 15 minutos					
<b>Dinamizador responsável:</b> Inês Filipa Frade Ramos					
<b>Grupo-alvo:</b> Crianças dos 4/5 anos					
<b>Dinâmica</b>	<b>Objetivo(s) e Mensagem final</b>	<b>Conteúdos a enfatizar</b>	<b>Recursos Organização do espaço/época/local</b>	<b>Passos Sequência das atividades dos participantes</b>	<b>Tempo</b>
De um lado ao outro	<p><b>Objetivo</b></p> <p>Auxiliar no desenvolvimento da coordenação motora e melhorar a capacidade de concentração e de delimitação.</p> <p><b>Mensagem</b></p> <p>Através dos tracejados, as crianças aprendem diferentes conceitos e desenvolvem a sua capacidade de desenhar algo concreto.</p>	<p>Precisão</p> <p>Concentração</p> <p>Dedicação</p> <p>Reconhecimento</p>	<p>Mesa</p> <p>Cadeiras</p> <p>Folha de impressão com atividade</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p> <p>Lápis de cor</p> <p><b>Espaço</b></p> <p>Mesa da Sala</p> <p><b>Local</b></p> <p>Sala do Jardim de Infância</p>	<p>1° Sentar 5 crianças por mesa com a folha da atividade à sua frente.</p> <p>2° Explicar a atividade.</p> <p>3° Entregar um lápis de carvão a cada criança.</p> <p>4° Verificar e, se necessário, corrigir os erros de cada um.</p> <p>5° Pintar os elementos que existem (cada sessão elementos alusivos a algo diferente como ao inverno, ao verão, ao carnaval, ao natal, etc.).</p>	15 min.

